

Boletim de Conjuntura Econômica Fluminense

Janeiro de 2022

Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro – CEPERJ

Presidência

Gabriel Rodrigues Lopes

Vice-Presidência

Marcello Coimbra Costa

Centro de Estatísticas Estudos e Pesquisas – CEEP

Diretor

Thiago Lorangeira

Coordenadoria de Políticas Econômicas – COPE

Coordenador

Pedro Amaral Serra

Equipe Técnica

Ícaro Moreno de Souza Melo
Paulo Vitor Dos Santos Lima
Matheus de Andrade Santos

Apoio Técnico

Equipe COOGEO

SUMÁRIO

Apresentação.....	4
1. Cenário Mundial.....	5
2. Cenário Nacional	8
3. Setor Externo Brasileiro.....	10
4. Desempenho da Economia Fluminense	13
a. Indústria Geral, Extrativa e de Transformação	13
b. Comércio Varejista.....	15
c. Serviços.....	16
d. Arrecadação de ICMS.....	17
e. Emprego Formal, Informal e Desemprego.....	19
Referências.....	23

APRESENTAÇÃO

A Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro (CEPERJ), representada pela diretoria do Centro de Estatísticas, Estudos e Pesquisas (CEEP) – responsável pela produção, sistematização e disseminação de informações e dados socioeconômicos, geográficos e ambientais voltadas para o planejamento governamental – e por intermédio de sua Coordenadoria de Políticas Econômicas (COPES), realiza estudos, pesquisas e análises das informações econômicas, de produção e da infraestrutura regional para subsidiar o governo estadual e as prefeituras municipais em suas políticas públicas. Nesse contexto, o Boletim de Conjuntura Econômica Fluminense acompanha semestralmente a economia do estado do Rio de Janeiro fornecendo evidência relevante para o planejamento e ao desenvolvimento do estado.

Nesta edição, buscamos pautar o acompanhamento da economia fluminense a partir de uma abordagem em níveis geográficos decrescentes. Desse modo, o desenvolvimento do tema se encaminha a partir do cenário global, seguindo com o nacional, para então analisar propriamente o nível estadual. Tal disposição dos níveis de análise permite destrinchar de forma coesa a conjuntura na qual o estado enfrentou e seus movimentos no segundo semestre de 2021.

No primeiro segmento, sobre os cenários globais, delimitamos o retrato da conjuntura por intermédio das leituras do Fundo Monetário Internacional (FMI: World Economic Outlook) e dos monitores de preço do Banco Mundial. Na sequência, relativo ao cenário nacional, utilizamos principalmente o painel de conjuntura econômica do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), complementando com informações do setor privado da Sulamérica Investimentos e da Bahia Asset.

É feita também uma exposição sobre setor externo (seção 3), destacando os principais exportadores e importadores no segundo semestre de 2021. Como também, é apresentada uma discussão retratando diversos aspectos complementares. Dentre eles, foram apresentadas as consequências da pandemia de COVID-19 sobre a balança comercial brasileira, bem como comentários sobre os principais setores em termos de volume em dólares estadunidenses, tanto no que diz respeito às exportações quanto ao que tange às importações. Para tais estudos, fez-se uso de bases de dados disponíveis de forma pública no Comex Stat.

Os indicadores utilizados para realizar o acompanhamento da economia fluminense adêm principalmente das pesquisas de atividade econômica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE; Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física, Pesquisa Mensal de Comércio, Pesquisa Mensal de Serviços, Pesquisa Mensal de Emprego) e do NOVO CAGED (Cadastro Geral de Empregos e Desempregos).

Os dados analisados dizem respeito às indústrias extrativa, de transformação e de construção civil (seção 4.A); além de comércio varejista ampliado (seção 4.B) e serviços (seção 4.C). É importante observar que todas as séries históricas pelo IBGE já possuem ajuste sazonal¹. Essas informações são complementadas com as informações do Mercado de Trabalho, além da arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) (seções 4.D e 4.E). O saldo do emprego formal em todo o estado do Rio de Janeiro foi representado por meio de mapas de calor, estabelecendo uma análise comparativa do comportamento do emprego no 2º semestre de 2021.

¹ O Ajuste Sazonal é uma técnica estatística projetada para corrigir oscilações periódicas dispostas em uma série no tempo, eliminando componentes sazonais enganosos desse conjunto sequencial de dados. Assim, é possível fazer a comparação entre os valores corrigidos dos meses entre si.

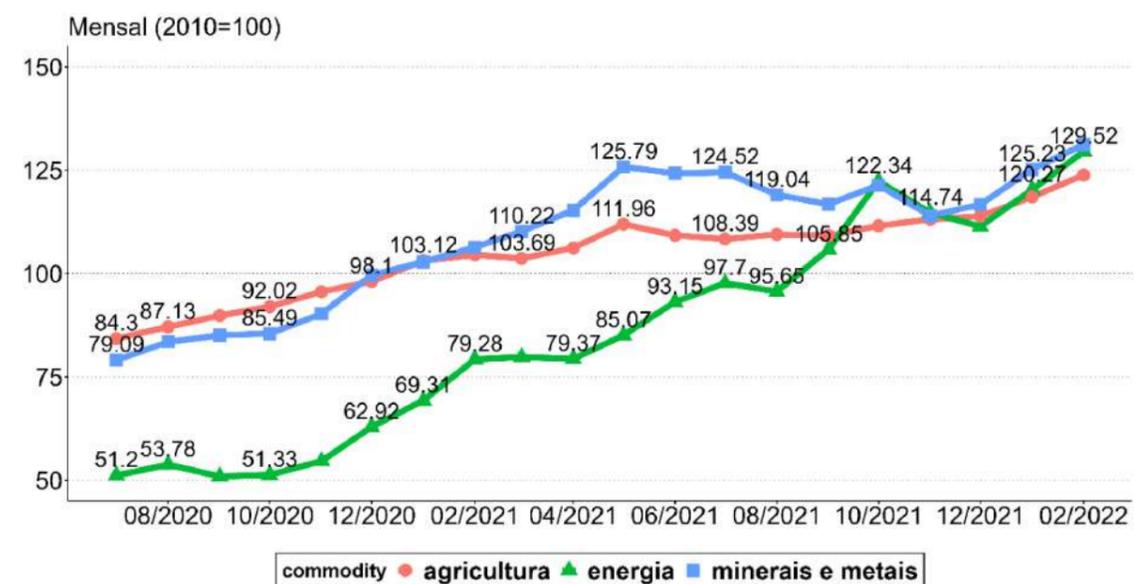
1 CENÁRIO MUNDIAL

Avançando para além do primeiro semestre de 2021, a economia mundial aparenta precisar de ainda mais tempo para se recuperar do choque negativo causado pela pandemia do COVID-19. Assim, a necessidade de uma estratégia de saúde global eficaz é mais proeminente do que nunca: o acesso a vacinas, testes e tratamentos se provou mais uma vez indispensável para reduzir o risco de outras variantes do COVID-19, como a Ômicron descoberta em novembro, e permitir a recuperação econômica plena.

Corroborando com essa questão, a política monetária em muitos países continuou pelo caminho contracionista, subindo suas taxas de juros básicas, a fim de conter as pressões inflacionárias causadas pelas interrupções contínuas na cadeia de suprimentos e altos preços de energia; como na Alemanha em que o índice acumulado em 12 meses atinge 4,5% em outubro, nível recorde após 27 anos, e nos EUA onde o nível inflacionário chegou a 6,2%, maior índice em mais de 60 anos. Assumindo que as expectativas permaneçam bem ancoradas, a inflação deve diminuir gradualmente à medida que os desequilíbrios entre oferta e demanda diminuam e a política monetária nas principais economias surtam efeito.

No mercado internacional das commodities², analisando-se os preços é notável a instabilidade, com seu movimento continuamente crescente ao longo do tempo, conforme o Gráfico 1. Os produtos da agricultura, que no começo do segundo semestre de 2020 apresentavam a liderança nos preços, acabam sendo ultrapassados pelas commodities industriais, isto é, os minerais e metais, no final do mesmo ano. Os preços da energia, após um movimento de queda até outubro de 2020, passam a ter uma vigorosa escalada nos preços. Até que em outubro de 2021 passa a revezar a liderança de preços com os insumos industriais, potencializando os processos inflacionários pelo globo.

GRÁFICO 1 | ÍNDICE DE PREÇOS DAS PRINCIPAIS COMMODITIES

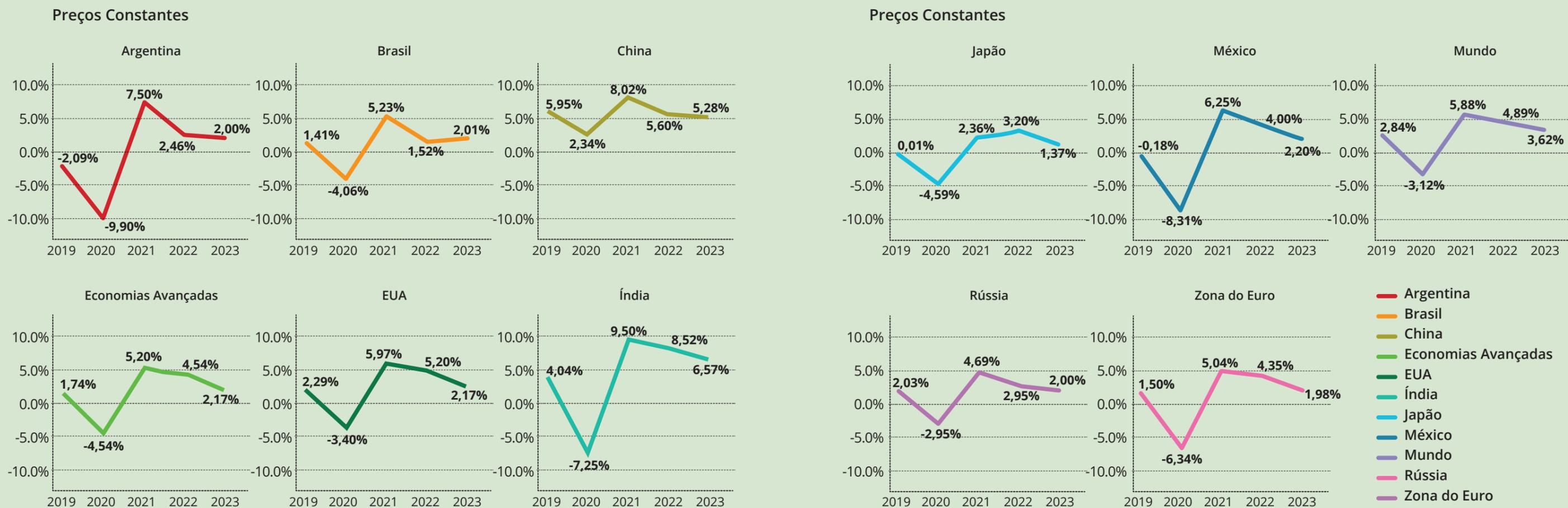


² Commodities: são produtos básicos globais não industrializados, ou seja, matérias-primas que não se diferem independente de quem as produziu ou de sua origem, sendo seu preço uniformemente determinado pela oferta e procura internacional

Adicionalmente, a política fiscal opera com espaço mais limitado do que no início da pandemia, o que leva a priorizar os gastos sociais e de saúde, concentrando o apoio aos mais afetados. Isso se observa fortemente nos EUA, quando anunciam a remoção do pacote de política fiscal Build Back Better e a retirada antecipada da acomodação monetária via juros. Na China, as quarentenas relacionadas à política de tolerância zero ao COVID-19 e o prolongado estresse financeiro no setor imobiliário induziram uma redução de 0,8 ponto percentual no PIB em relação ao projetado anteriormente, resultando na taxa de 8,01%.

Mediante tal cenário, o crescimento global encerrou 2021 com índice de 5,88% e com expectativa de 4,89% em 2022, projeção alimentada pelas reduções previstas nas duas maiores economias. Conforme o Gráfico 2, os países emergentes como Brasil e Argentina têm um desempenho abaixo da média mundial tanto em relação à recessão vista em 2020 quanto ao início da recuperação em 2021. Contudo, essas previsões estão condicionadas a resultados adversos de saúde caindo para níveis baixos na maioria dos países até o final de 2022, supondo que as taxas de vacinação melhorem em todo o mundo e as terapias se tornem mais eficazes.

GRÁFICO 2 | TAXAS DE CRESCIMENTO DO PIB E PROJEÇÃO PARA 2022 E 2023



Fonte: International Monetary Fund (FMI), World Economic Outlook Database, October 2021

Dessa forma, a economia global finaliza 2021 e entra em 2022 em uma posição mais fraca do que o esperado anteriormente: o surgimento de novas variantes do COVID-19 prolonga a pandemia e induz novas perturbações econômicas, à medida que os países impõem restrições de mobilidade. Além disso, interrupções na cadeia de suprimentos, instabilidade dos preços da energia e pressões salariais e nos níveis de emprego significam que a incerteza em torno da inflação e dos caminhos das políticas é alta, principalmente nos Estados Unidos e em muitas economias em desenvolvimento. À medida que as economias avançadas elevam as taxas de juros, podem surgir riscos para a estabilidade financeira e os fluxos de capital, moedas e posições fiscais das economias em desenvolvimento – especialmente com os níveis de dívida aumentando significativamente nos últimos dois anos. Outros riscos globais podem se cristalizar à medida que as tensões entre países permanecem altas e a emergência climática em curso significa que a probabilidade de grandes desastres naturais permanece elevada.

2 CENÁRIO NACIONAL

A economia brasileira não tem escapado do cenário interno global e o desempenho dos indicadores internos de atividade econômica, em queda nos últimos meses, reforça a percepção de um cenário de estabilidade e sugerem que o nível de atividade deve apresentar crescimento, mesmo que contido. Outro fator positivo no contexto do nível de atividade é o ganho de renda trazido pela melhora nos termos de troca do comércio exterior.

Em relação ao cenário para a atividade econômica, o nível de crescimento 4,6% acumulado em 4 trimestres no final 2021 aponta para um futuro próximo de avanços. O resultado decorre de um dinamismo mais tímido da economia brasileira. Também foi revista a previsão para o crescimento do PIB em 2022, que passou de 1,8% para 1,1% (IPEA). Por um lado, o efeito da combinação entre inflação alta e ciclo de aperto monetário será importante ao longo de 2022, principalmente no setor industrial. Contudo, espera-se que a agropecuária tenha desempenho positivo e que os problemas na oferta sejam progressivamente solucionados ao longo do ano de 2022.

Adicionalmente, os dados do mercado de trabalho vêm apresentando sinais de recuperação dado a expansão da população ocupada em contrapartida dos sucessivos recuos na taxa de desemprego. O avanço na ocupação tem ocorrido, majoritariamente, entre os empregados do setor privado sem carteira e os trabalhadores por conta própria; reduzindo os rendimentos médios reais, também impactados pela alta inflação. Adicionalmente, tal impacto inflacionário pode ser visto no rendimento médio real habitual dos trabalhadores brasileiros, o qual foi de R\$2.587 em 2021, representando uma queda de 7% frente a 2020 (R\$2.782). No quarto trimestre de 2021, a renda ficou em R\$2.447, 3,6% abaixo do terceiro trimestre e 10,7% abaixo de igual período de 2020; sendo o menor valor de rendimento da série histórica da PNADc, iniciada em 2012.

Corroborando para tal cenário, a inflação continua elevada. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em 2021 foi de 10,06% e, para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), de 10,16%. Para 2022, as projeções para o IPCA e o INPC aumentaram para 6,86% e 5,5%, respectivamente (IPEA). Alguns fatores ajudam a explicar o cenário como: subida do preço do petróleo, forte estiagem resultando na baixa histórica nos níveis dos reservatórios, o que levou à adoção da bandeira de escassez hídrica e de reajustes da bandeira vermelha para cobrir o custo mais elevado da energia produzida pelas termelétricas; a desvalorização cambial de 8,1% ao longo do ano; e a retomada mais intensa do setor de serviços. De acordo com o IBGE, o resultado foi influenciado principalmente pelo grupo transportes, que variou 21,03% no acumulado do ano. Em seguida vieram habitação, com alta de 13,05%, e alimentação e bebidas, que aumentou 7,94% em 2021.

E como consequência da elevação da inflação – corrente e esperada –, o Bacen passou a elevar a meta para a Selic em ritmo crescente. Além do ritmo constante de elevação, o nível final também subiu: de 9%, no início de outubro, para 11,75%, em 12 de novembro. Esse nível mais alto permaneceria até o terceiro trimestre de 2022 e a partir daí começaria o ciclo de afrouxamento da política monetária, levando a taxa Selic para aproximados 8% no fim de 2023. Tal medida é considerada restritiva, já que possui como objetivo restringir o nível de

demanda e crédito para dar escape a pressão inflacionária, via consumo. Contudo, não é uma associação automática e os mercados estão, no momento, sujeitos a muitas incertezas e com oscilações relevantes em períodos curtos, mas é difícil não notar a simultaneidade entre a alavancagem da curva de juros e a piora nas expectativas de crescimento para 2022.

Por outro lado, as contas públicas fecharam em 2021 em níveis melhores do que os esperados no início do ano. O principal fator dessa melhora é o crescimento mais forte do PIB e a taxa de inflação mais elevada do que as expectativas iniciais: o menor déficit primário junto da aceleração do PIB em valores correntes levou a razão dívida pública/PIB a fechar o ano em nível mais baixo do que previsto anteriormente.

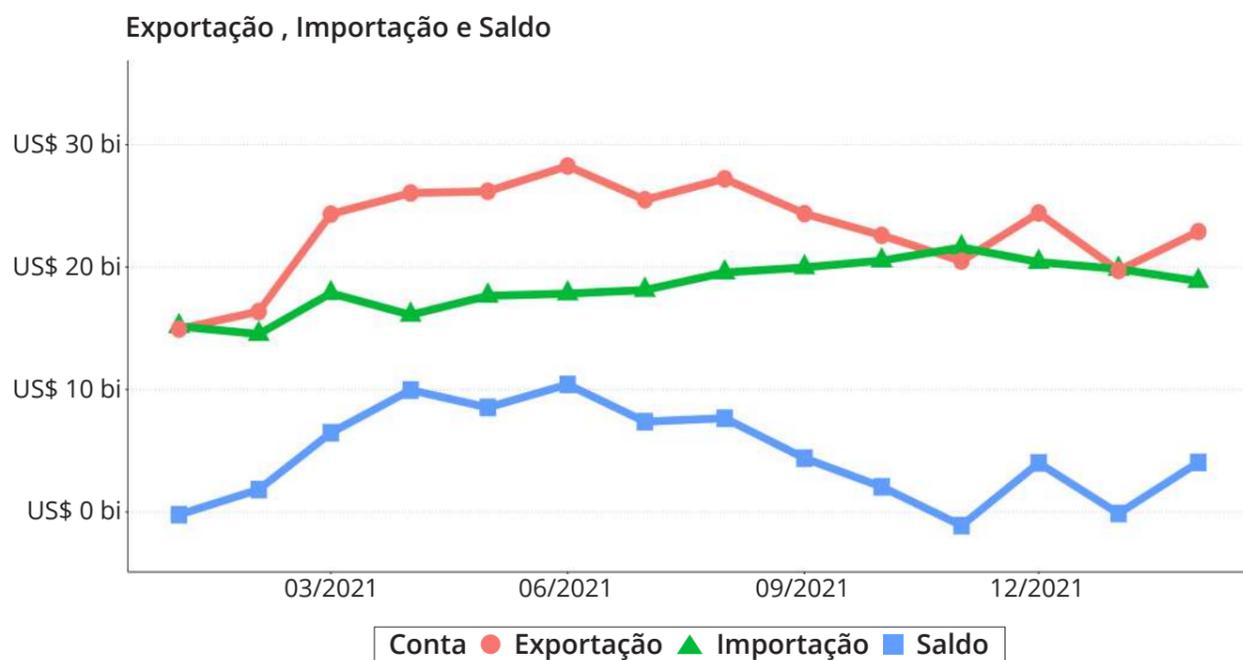
Contudo, as expectativas em relação à situação fiscal para os próximos anos têm sido fonte de incertezas, especialmente para a recuperação da economia brasileira. A principal fonte dessas incertezas foi a percepção do possível não cumprimento do teto de gastos em 2022, o que resultou na aprovação da PEC dos precatórios. Essa aprovação possibilita ampliar o limite de algumas contas para a realização de despesas sujeitas ao teto, porém compromete a confiança em relação ao equilíbrio fiscal. Diante disso, a percepção de risco fiscal tem permanecido relativamente elevada. Contudo, apesar de ainda se manter em patamares altos, relativamente aos níveis observados no início do ano, as taxas de juros dos títulos da dívida pública apresentaram tendência de queda nos últimos dois meses.



3 SETOR EXTERNO BRASILEIRO

Em termos gerais, 2021 apresentou um bom desempenho no setor externo brasileiro. A balança comercial registrou sucessivos superávits mesmo com o crescimento das importações. O saldo acumulado da balança comercial no ano foi de US\$61,3 bi, sendo no segundo semestre de US\$24,3 bi.

GRÁFICO 3 | EVOLUÇÃO DAS CONTAS



Do lado do balanço de pagamentos, as transações correntes registraram déficit em 2021 no valor de US\$28,1 mi, implicando um avanço de 14,8% frente a 2020. Ainda assim, o resultado de 2021 foi menor que os patamares registrados no ano anterior à pandemia do COVID-19. Já a entrada de recursos externos na conta capital e financeira, que financia o déficit de transações correntes, também não retornou aos valores pré-crise. Atingiu US\$32,392 milhões em 2021, isto é, mais de 3 vezes superior ao valor de 2020, mas distante dos US\$64 mi em 2019. O IDE, que é a modalidade mais estável de capital externo, foi mais do que suficiente para financiar o déficit de transações correntes em 2021.

Esse déficit nas transações correntes foi reflexo da recuperação das economias global e brasileira após os choques da Covid-19. O crescimento de +66,8% do superávit comercial de bens e serviços (US\$ 19 milhões) não foi suficiente para compensar o maior déficit nas rendas primárias (remessas de juros, lucros e dividendos), que chegou a US\$54,47 milhões (+31,9% ante 2020). Isso resultou o reforço do déficit de transações correntes.

O ingresso líquido de IDE aumentou +23%, atingindo US \$46,44 milhões. Esse resultado,

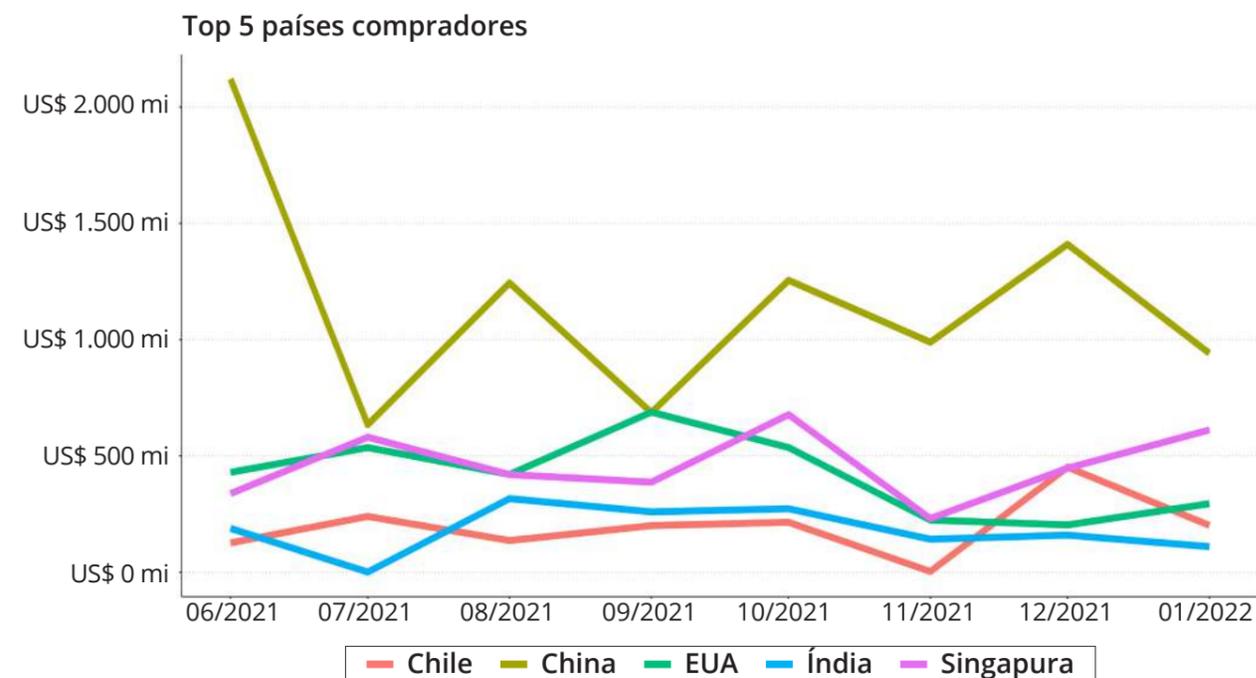
contudo, pode ser considerado insuficiente, já que, além de não ter retornado aos patamares de 2019, ficou abaixo do desempenho do IDE global. O crescimento dos fluxos mundiais de IDE chegou a +77% em 2021 e, mesmo o IDE direcionado apenas para os países em desenvolvimento, registrou um avanço mais forte do que no caso do Brasil (+30%).

A recuperação dos investimentos de portfólio estrangeiro foi mais expressiva, somando US \$20,85 mi, a maior cifra desde 2014. A maior contribuição para a retomada desses investimentos veio das aplicações de não-residentes em títulos soberanos de renda fixa no país estimulada pelo aumento da taxa de juros doméstica.

A modalidade "Outros Investimentos no país" registrou, igualmente, uma forte recuperação, passando de uma saída de capitais de US\$ 20,82 milhões em 2020 para uma captação líquida de recursos de US\$ 36,06 milhões em 2021 associada ao forte crescimento dos "créditos comerciais e adiantamentos" em linha com retomada do comércio exterior e à captação líquida de empréstimos bancários estimulada pelas taxas de juros historicamente baixas nas economias avançadas.

Voltando-se para o petróleo, um dos principais itens nos produtos importados no Brasil e no estado do Rio de Janeiro, a China permanece em destaque como maior comprador deste item, Singapura e Índia vem logo em seguida como maiores compradores pelo semestre. Os EUA ficaram no segundo semestre de 2021 no mesmo patamar de outros países como o Chile.

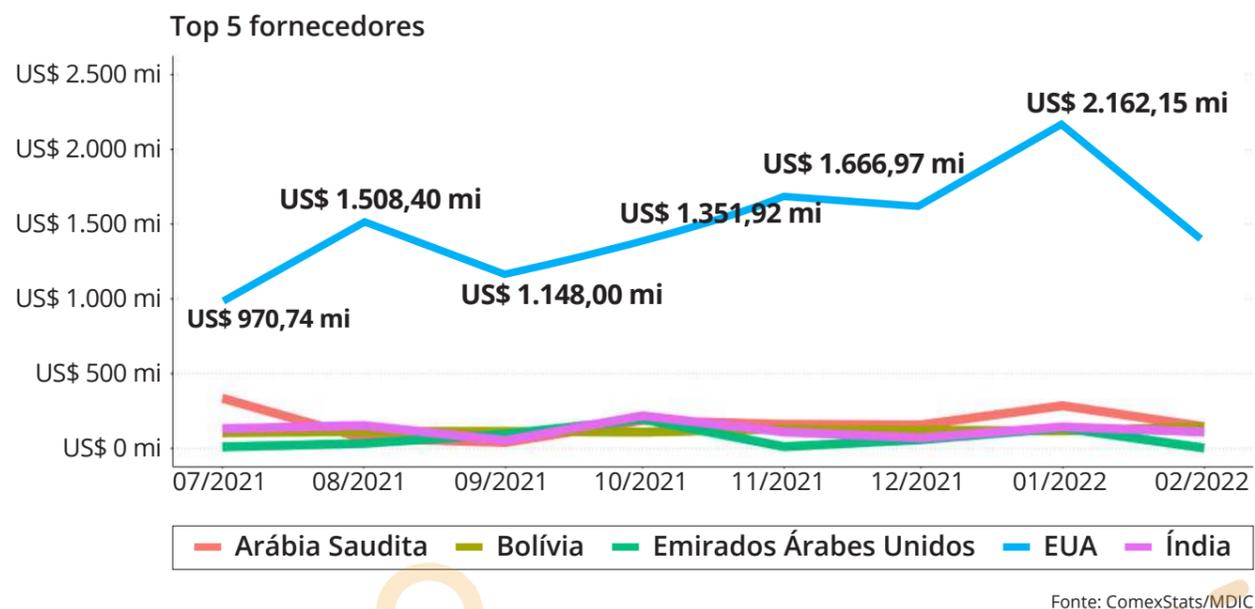
GRÁFICO 4 | EXPORTAÇÃO DE PETRÓLEO



Observando a variação mensal do volume exportado à China, o valor exportado apresentou uma queda significativa, embora não suficiente para perder a liderança como compradora; observa-se também estabilidade dos outros compradores.

Com relação aos países que o Brasil demandou produtos, destaca-se os EUA em primeiro, país que tradicionalmente é forte parceiro comercial, em tendência crescente. Chama atenção a Arábia Saudita, que ocupa o segundo lugar devido ao forte crescimento da demanda por energia elétrica, fruto da crise hídrica de 2021. Em seguida vem a Bolívia, Emirados Árabes Unidos e Índia, também parceiros comerciais recorrentes do Brasil.

GRÁFICO 5 | IMPORTAÇÃO DE PETRÓLEO

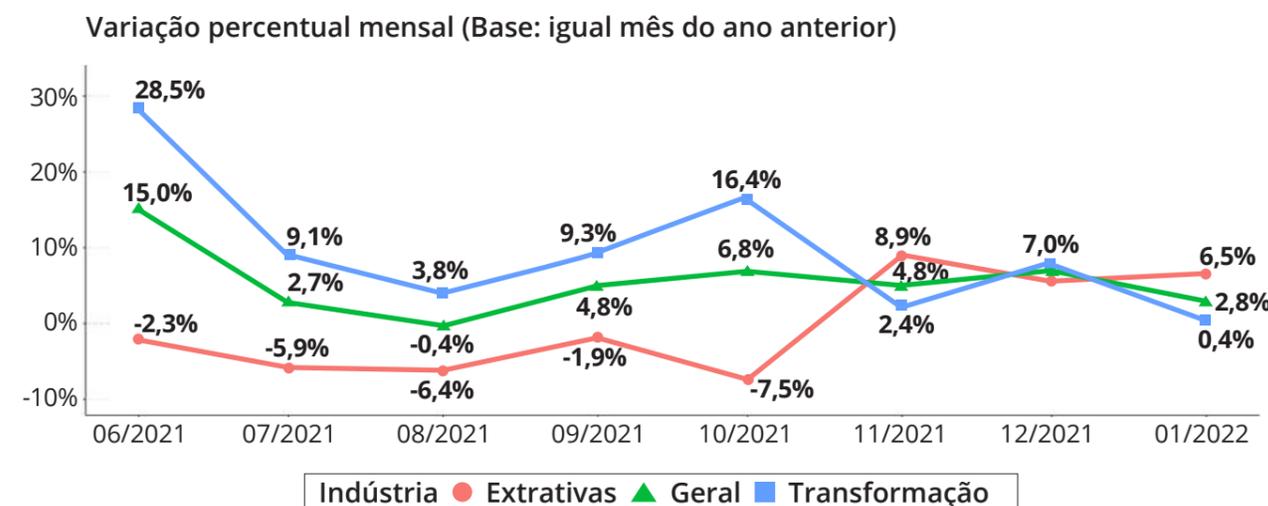


4 Desempenho da Economia Fluminense

a. Indústria Geral, Extrativa e de Transformação

De acordo com os dados de atividade econômica divulgados pelo IBGE, a variação mensal da indústria de transformação foi a engrenagem que trouxe dinamismo para o setor industrial fluminense, compensando o fraco desempenho da indústria extrativa, que incorreu redução nas atividades durante grande parte do semestre. Assim, o indicador da indústria geral seguiu pelo segundo semestre de 2021 majoritariamente em ritmo positivo de crescimento. O destaque do período foi para a indústria de transformação, em outubro, cresceu 16,4%.

GRÁFICO 6 | VARIAÇÃO MENSAL DO NÍVEL DO SETOR INDUSTRIAL NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2021



Desagregando os setores da atividade industrial, temos que a atividade Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores, performou por três meses seguidos acima de todas as outras atividades, sendo os meses de maior crescimento outubro, novembro e dezembro. Outro destaque positivo fica ao encargo da Fabricação de produtos farmacêuticos e farmoquímicos, que nos meses de agosto a outubro apresentaram forte aceleração nas atividades.

O destaque negativo se desenrola na Fabricação de produtos alimentícios, a atividade apresentou sofrer fortemente no estado, quando majoritariamente pelo semestre apresentou redução no nível de produção. Outra atividade que sofreu no segundo semestre de 2021 foi a de Fabricação de produtos de borracha e de material plástico, que a partir de julho entrou em rota de decréscimo até o fim do ano de 2021. Ainda, a Fabricação de Bebidas apresentou índices positivos em apenas setembro e outubro e enquanto nos outros meses apresentou índices negativos na sua produção.

TABELA 1

Seções e Atividades industriais	CNAE 2.0	Jul./21	Ago./21	Set./21	Out./21	Nov./21	Dez/21
Fabricação de produtos alimentícios	3.10	-27,70	-1,20	7,20	-0,80	-1,50	10,80
Fabricação de bebidas	3.11	-4,80	-6,90	3,20	2,50	-9,80	-7,10
Impressão e reprodução de gravações	3.18	4,30	1,90	-1,20	0,20	3,20	-2,50
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	3.19	1,30	-10,90	8,30	33,20	4,10	12,80
Fabricação de outros produtos químicos	3.20C	-0,70	11,40	13,10	6,50	9,70	32,80
Fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos	3.21	-6,80	41,50	44,20	43,80	10,10	20,80
Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	3.22	2,80	-2,20	-10,40	-10,40	-5,60	-14,70
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	3.23	4,80	2,50	13,80	2,90	3,40	15,60
Metalurgia	3.24	28,60	23,50	15,60	11,60	-4,10	-13,40
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	3.25	59,30	12,50	23,70	3,10	3,40	17,60
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	3.29	59,90	29,20	0,20	8,00	1,80	5,20
Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	3.30	18,60	26,80	15,50	72,80	106,00	136,20
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	3.33	-3,30	2,00	3,10	5,90	12,10	27,50

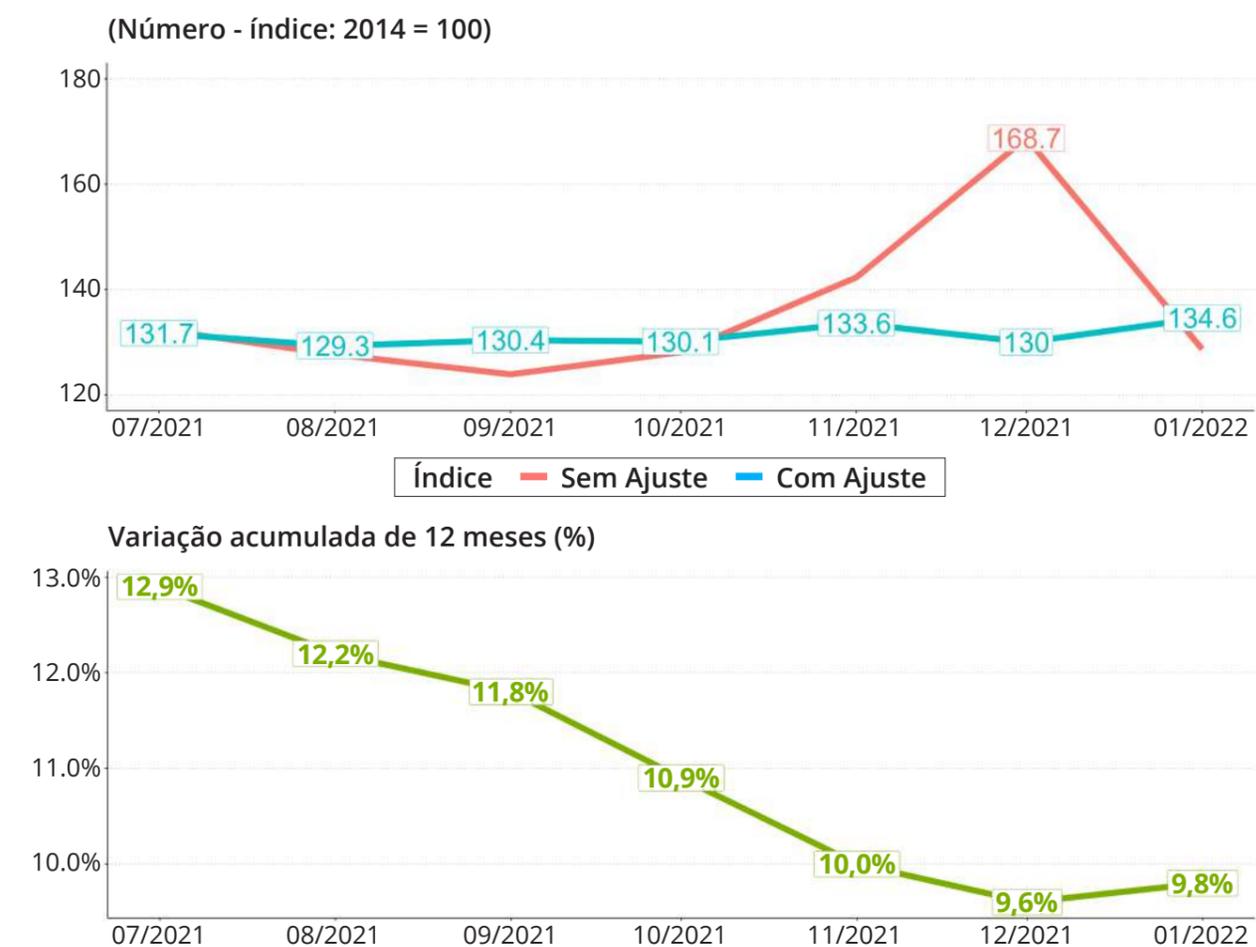
Fonte: PIM/IBGE

Pode-se atribuir o desempenho ruim dessas atividades ao nível alarmante da inflação dos fatores de produção. A maior contribuição para o resultado vem do índice ao produtor (IPA3), que alcançou a taxa de 20,57%. Tal indicação nos permite compreender que produzir estava mais caro no período, o que reduziu o nível de atividade observado, afetando as atividades mais sensíveis às variações de preço.

3 O Índice de Preços ao Produtor Amplo registra variações de preços de produtos agropecuários e industriais nas transações interempresariais, isto é, nos estágios de comercialização anteriores ao consumo final.

b. Comércio Varejista

O comércio varejista no segundo semestre de 2021 apresentou comportamento estabilizado; como se observa na série temporal com ajuste sazonal. Na série sem o ajuste sazonal, percebe-se que o faturamento em dezembro foi o maior do período, como é esperado da época, pelas festas natalinas e de fim de ano.

GRÁFICO 7 | ÍNDICE DE RECEITA NOMINAL DE VENDAS NO COMÉRCIO VAREJISTA


Fonte: PIM/IBGE

Em relação à variação acumulada de 12 meses, é mais notória a tendência ao comportamento estabilizado, a variação de julho a dezembro regrediu até se estabilizar na casa dos 9%. Como, no período houve pouca variação, o indicador tende a regredir até alcançar um nível no qual irá permanecer até o setor apresentar alguma variação significativa.

Desagregando o setor, nota-se que as atividades Livros, Jornais, Revistas e Papelaria e a atividade Equipamentos e Materiais Para Escritório, Informática e Comunicação continuou com o ritmo de quedas do semestre anterior para o segundo semestre de 2021. Como o afastamento social ainda mantém parte dos trabalhadores em home office, a redução das receitas era de certa forma esperado.

TABELA 2

Varição Acumulada 12 meses (%)	Jul./21	Ago./21	Set./21	Out./21	Nov./21	Dez./21	Jan./22
Combustíveis e lubrificantes	18,00	23,20	27,30	30,40	34,30	38,10	40,10
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	6,90	6,40	5,50	4,00	3,30	2,50	2,00
Tecidos, vestuário e calçados	12,70	14,00	15,40	16,40	16,60	19,30	22,30
Móveis e eletrodomésticos	51,30	41,30	35,00	30,70	22,40	17,20	14,90
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	5,60	6,00	7,00	7,10	7,10	6,60	8,00
Livros, jornais, revistas e papelaria	-13,70	-11,40	-10,40	-10,40	-9,20	-6,10	7,80
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	1,00	-3,40	-6,10	-3,60	-3,70	-2,50	-2,40
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	17,70	16,60	17,00	16,80	16,20	17,80	19,20

Fonte: PMC/IBGE

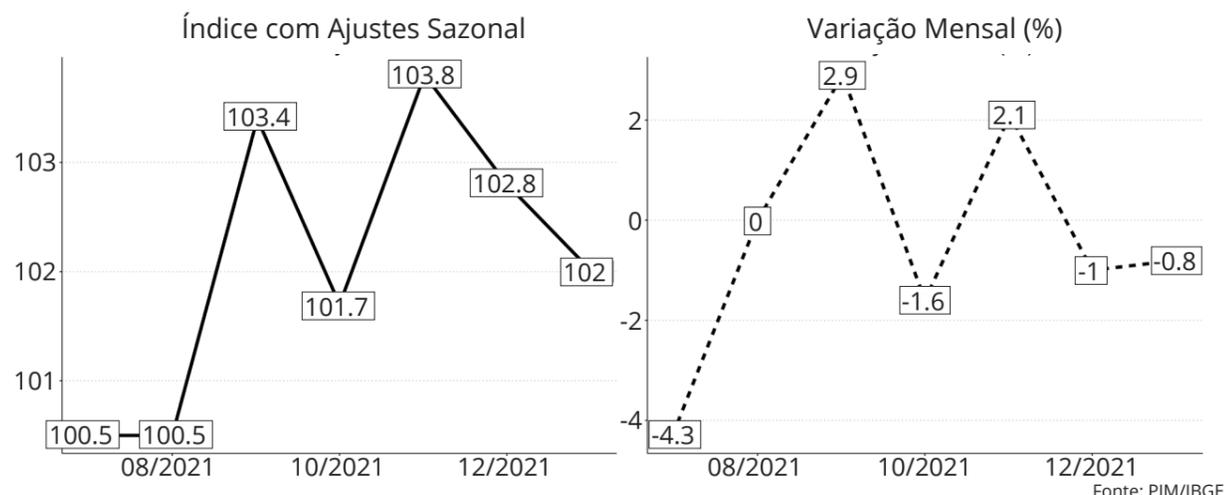
Por outro lado, as atividades de Móveis e eletrodomésticos apresentou os maiores índices de faturamento no começo do semestre, mantendo um bom nível até o fim do período, embora tenha desacelerado o crescimento acumulado demonstrando que a recuperação do choque negativo já passou e está retornando ao ritmo normal da atividade. Outro destaque positivo no faturamento são as atividades relacionadas a Combustíveis e lubrificantes, podemos atribuir essa alavancagem no faturamento devido a alta dos preços dos combustíveis.

c. Serviços

No setor de serviços fluminense, nota-se que a variação, embora tímida, foi positiva para o setor, abrindo o segundo semestre de 2021 com recuo de 4,3% e partindo de então uma trajetória de tendência positiva, mas sem conseguir restabelecer níveis vistos em 2021. No fim do semestre, a receita nominal terminou em níveis próximos aos vistos em 2014, o ano de referência do ajuste sazonal.

GRÁFICO 8 | ÍNDICE DE VARIAÇÃO DA RECEITA NOMINAL DE SERVIÇOS

Base Fixa com Ajustes Sazonal: 2014 = 100 (Número Índice)
 Variação mês / mês anterior com ajuste sazonal



Fonte: PIM/IBGE

Desagregando as atividades do setor, percebe-se que o setor seguiu de forma muito resiliente a pandemia, sem apresentar indicadores negativos nas suas atividades.

A atividade de maior destaque foi Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio, que no decorrer do período apresentou forte dinamismo na sua performance. Outra atividade que se destacou foi a de Serviços profissionais, administrativos e complementares, os indicadores apontam muita dinâmica dentro da atividade, embora a partir de setembro tenha perdido um pouco de sua força.

TABELA 3

Índice de receita nominal de serviços (%)	Jun./21	Jul./21	Ago./21	Set./21	Out./21	Nov./21	Dez./21	Jan./22
Total	10,2	11	11,3	12,2	12,1	12,2	11,9	7,4
Serviços prestados às famílias	5,1	11,7	13,6	15,6	16,6	16,5	16,1	9
Serviços de informação e comunicação	2	2	1,8	2,1	1,5	1,5	1,2	1,9
Serviços profissionais, administrativos e complementares	15,8	17,1	16,5	17,2	15,9	14,4	14,8	8,1
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	16,2	16,7	17,3	19,1	20,1	21	20,4	8,3
Outros serviços	11,4	11,2	11,9	11,6	10,6	10,5	10	17

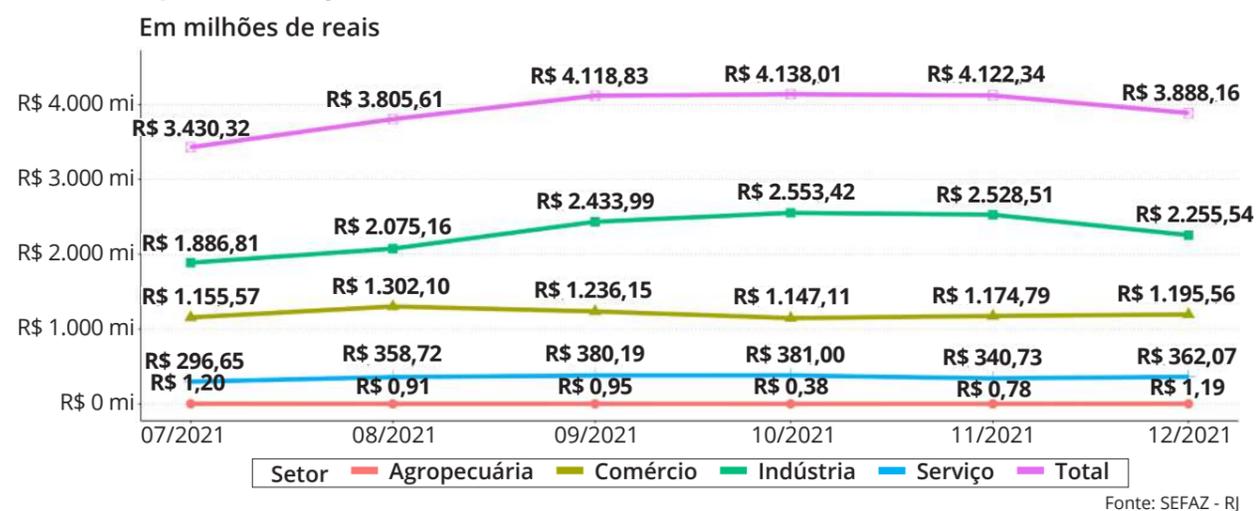
Fonte: PMS/IBGE

A atividade de menor destaque foi a de Serviços de informação e comunicação, seu desempenho durante o ano foi constante e em níveis baixos, apontando que a atividade entrou numa fase de estagnação em relação às suas receitas.

d. Arrecadação de ICMS

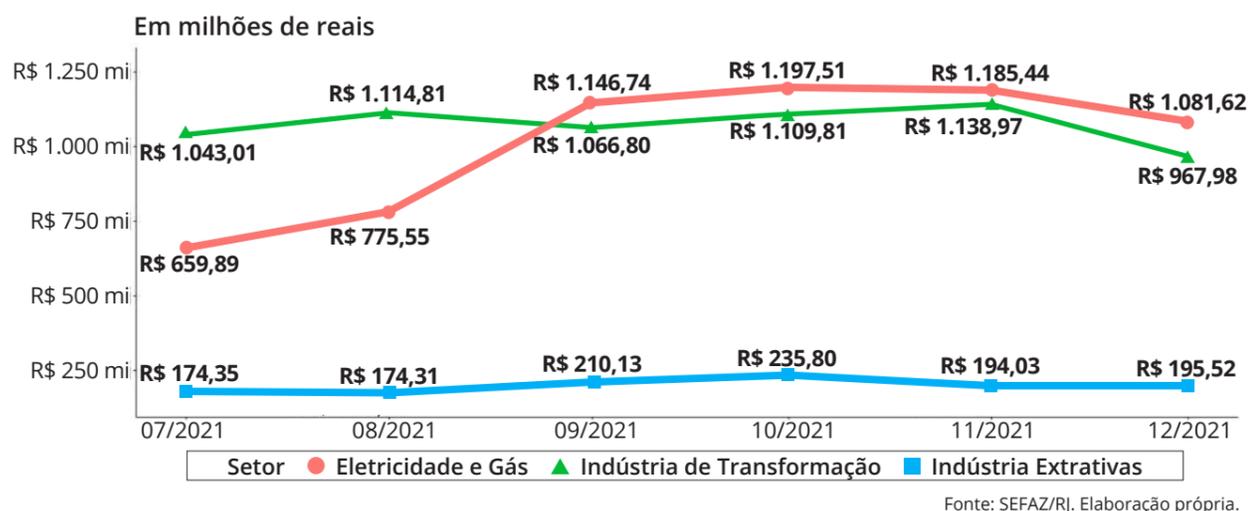
Após a turbulência de 2020, a arrecadação do ICMS voltou à estabilidade no nível recolhido. De modo geral, apresentam-se mais retornos a níveis a um patamar equilibrado por entre os setores sem grande expressividade perante os setores.

GRÁFICO 9 | ARRECAÇÃO DE ICMS POR GRANDE SETOR DO IBGE



O setor que mais arrecadou, por outro semestre seguido, foi o setor industrial, dessa forma será ampliado o setor em seus grupos para melhor entendimento. Como era esperado, a indústria extrativa foi a parcela que menos arrecadou no estado fluminense, tanto pela sua pouca agregação de valor no processo, quanto pela sua pequena participação na malha industrial fluminense, em média R\$200 mil.

GRÁFICO 10 | ARRECAÇÃO DE ICMS DO SETOR INDUSTRIAL



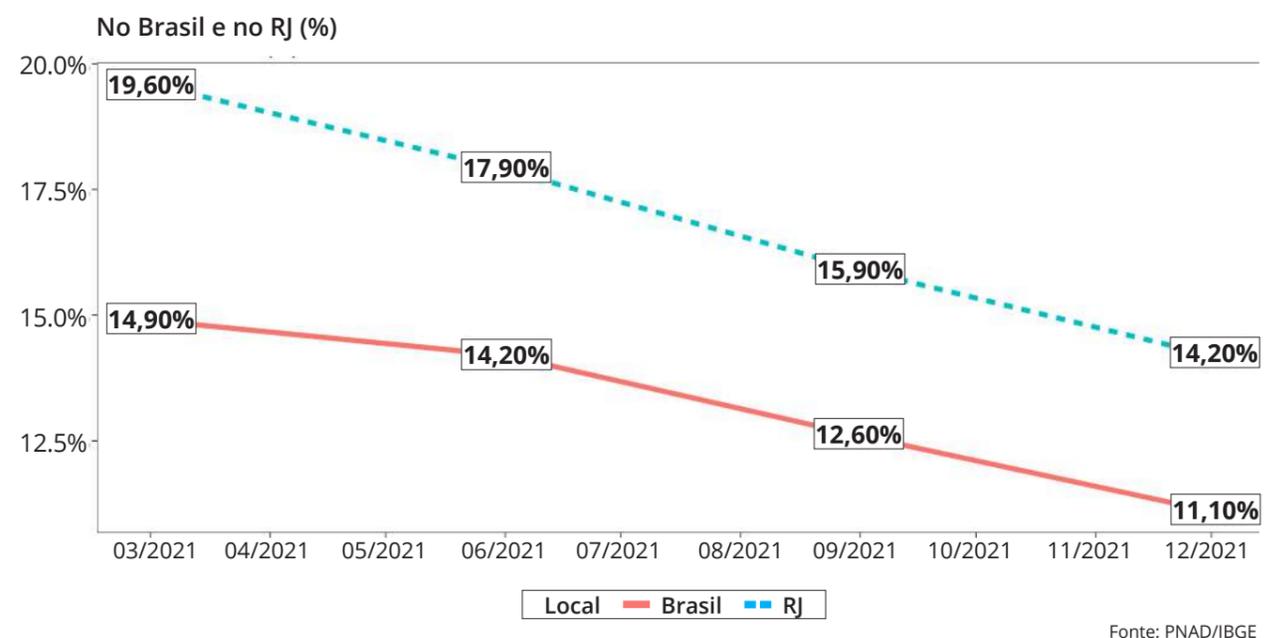
Por outro lado, a parcela voltada à eletricidade e gás apresentou forte aumento na tendência. Saindo de R\$656,89 mi em julho para R\$1.197,5 mi em outubro e se estabilizando na ordem de R\$1.100, pode-se atribuir esse crescente pelo início do relaxamento das medidas restritivas por causa do COVID-19 fomentando o consumo e também pelas maiores taxas e escassez hídrica que elevaram os preços de energia, que impactam no total arrecadado.

Por fim, a indústria de transformação permaneceu na tendência de estabilidade que já apresentava há alguns meses. Contudo, a antiga liderança na arrecadação foi perdida dada a aceleração da arrecadação no setor energético.

e. Emprego Formal, Informal e Desemprego

O desempenho recente dos principais indicadores revela que a retomada do mercado de brasileiro se intensificou no segundo semestre de 2021. Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) Contínua, apesar do contingente elevado de desempregados – 13,5 milhões –, a taxa de desocupação vem recuando gradativamente, a taxa 14,20% ao nível fluminense e 11,10% ao nível nacional, atingiu o menor nível desde o trimestre encerrado em abril de 2020.

GRÁFICO 11 | TAXAS DE DESOCUPAÇÃO E DE SUBUTILIZAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO



As estatísticas revelam também que esta queda do desemprego ocorre de modo generalizado, abrangendo todas as regiões e todos os segmentos etários e educacionais. Entretanto, mesmo diante de dados positivos, a situação do mercado de trabalho ainda permanece preocupante: a taxa de desocupação, embora em queda, ainda está em patamar elevado.

No entanto, no segundo semestre de 2021, o crescimento da população ocupada foi mais intenso entre os trabalhadores mais jovens e aqueles com ensino fundamental. Na comparação entre 2021 e 2020, a ocupação entre os jovens avançou 16,8% no quarto trimestre, sendo o principal fator explicativo pela melhora no comportamento da taxa de desocupação deste segmento, que recuou de 29%, em 2020, para 22,8%, em 2021. De modo semelhante, o contingente de ocupados com ensino fundamental incompleto apontou crescimento de 16,2%, possibilitando uma queda de 5,1 p.p. da taxa de desocupação – que passou de 23,5% para 18,4%, no período em questão.

Já a abertura setorial revela que, à exceção da administração pública com queda de 2,4%, na comparação interanual, todos os demais setores registraram crescimento da ocupação, no último trimestre de 2021, com destaque especial para os serviços de alojamento e alimenta-

ção (23,9%), serviços domésticos (21,7%), pessoais (14,7%) e construção civil (17,4%). Deve-se registrar, no entanto, que parte desta melhora da população ocupada pode estar associada a ajustes feitos pelo IBGE, seja na quantidade de entrevistas ou nos fatores de expansão, em virtude dos desafios impostos pela pandemia, tendo em vista que os fluxos de entrada na ocupação provenientes do desemprego e da inatividade registram no terceiro trimestre de 2021 valores muito próximos aos apontados no primeiro trimestre deste ano.

Há de se pontuar também que o crescimento da ocupação vem ocorrendo de modo mais intenso nos setores informais, refletindo, especialmente, retomada dos serviços mais beneficiados com o relaxamento das medidas de restrição social. Segundo a PNAD Contínua, no terceiro trimestre do ano, na comparação interanual, o número de trabalhadores sem carteira e por conta própria registraram alta de 23,1% e 18,4%, respectivamente, enquanto os empregos com carteira assinada apresentaram um desempenho mais moderado (8,6%). Assim como o IBGE, os dados do Novo CAGED mostram uma expansão similar da ocupação formal, cujo estoque de trabalhadores com carteira no país avançou 7,2% entre outubro de 2020 e 2021, repercutindo a geração de aproximadamente 2,9 milhões de vagas com carteira nos últimos doze meses no nível nacional.

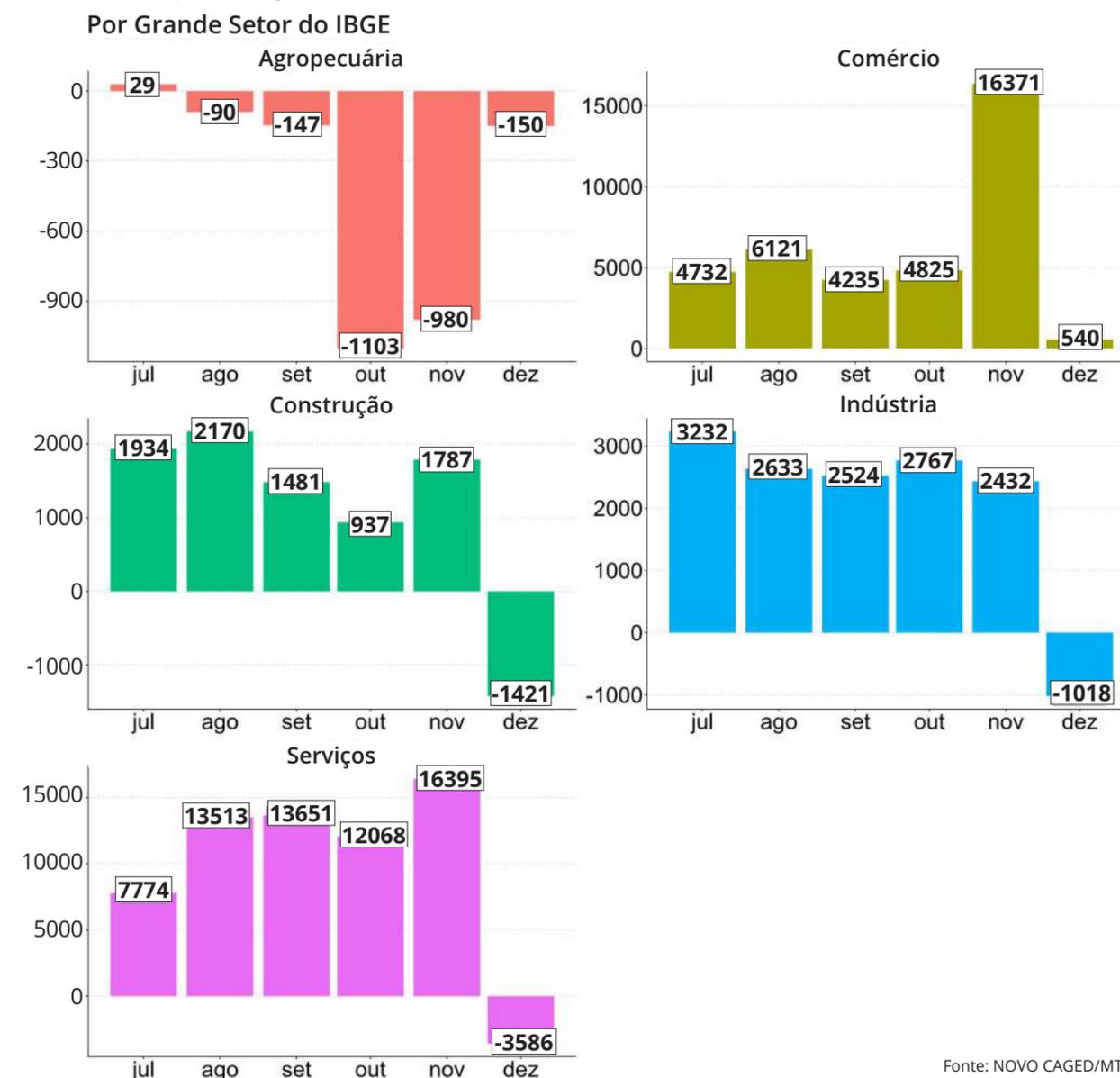
Essa melhora das condições do mercado de trabalho, impactada pela aceleração do ritmo de criação de empregos nos últimos meses, pode ser apontada como o principal fator de redução do desalento no país. De acordo com a pesquisa do IBGE, o contingente de desalentados passou de 5,8 milhões para 5,1 milhões entre 2020 e 2021. Em relação ao total da população em idade ativa (PIA), a proporção de desalentados recuou de 3,5% para 3,0% no mesmo período.

Assim como vem ocorrendo com a ocupação, a melhora dos indicadores de subocupação e desalento ratificam este cenário de recuperação do emprego no país. Em janeiro, o número de pessoas que se declararam subocupadas foi de 6,5 milhões, ou seja, 6,9% do total da ocupação, o que vem a ser a menor parcela desde o início da retomada do mercado de trabalho, a partir do segundo semestre de 2021. Em relação ao desalento, os dados mostram que, embora ainda elevado, o conjunto de desalentados no país somava aproximadamente 4,7 milhões em janeiro de 2022, ou seja, 8,3% menor que o apontado no mesmo período do ano anterior (5,8 milhões). Logo, a taxa de desalentados no país – medida pela proporção de desalentados em relação à população fora da força de trabalho – recuou de 5,6% em janeiro de 2021 para 4,5% em janeiro de 2022.

De acordo com o Novo CAGED para o estado do Rio de Janeiro, o segundo semestre apresentou crescimento no total do período analisado. Olhando por grande setor, nota-se que a parte agropecuária do estado fluminense sofreu sucessivas quedas no saldo⁴, diminuindo os estoques de empregados no acumulado do semestre. Paralelo a isso, os outros setores apresentaram crescentes saldos mensais sustentados durante quase todo o semestre, com exceção em dezembro, no qual apenas o comércio não apresentou recuo no estoque.

⁴ Saldo = Admitidos - Desligados, para cada mês.

GRÁFICO 12 | EVOLUÇÃO DO SALDO MENSAL DE EMPREGOS NO RJ



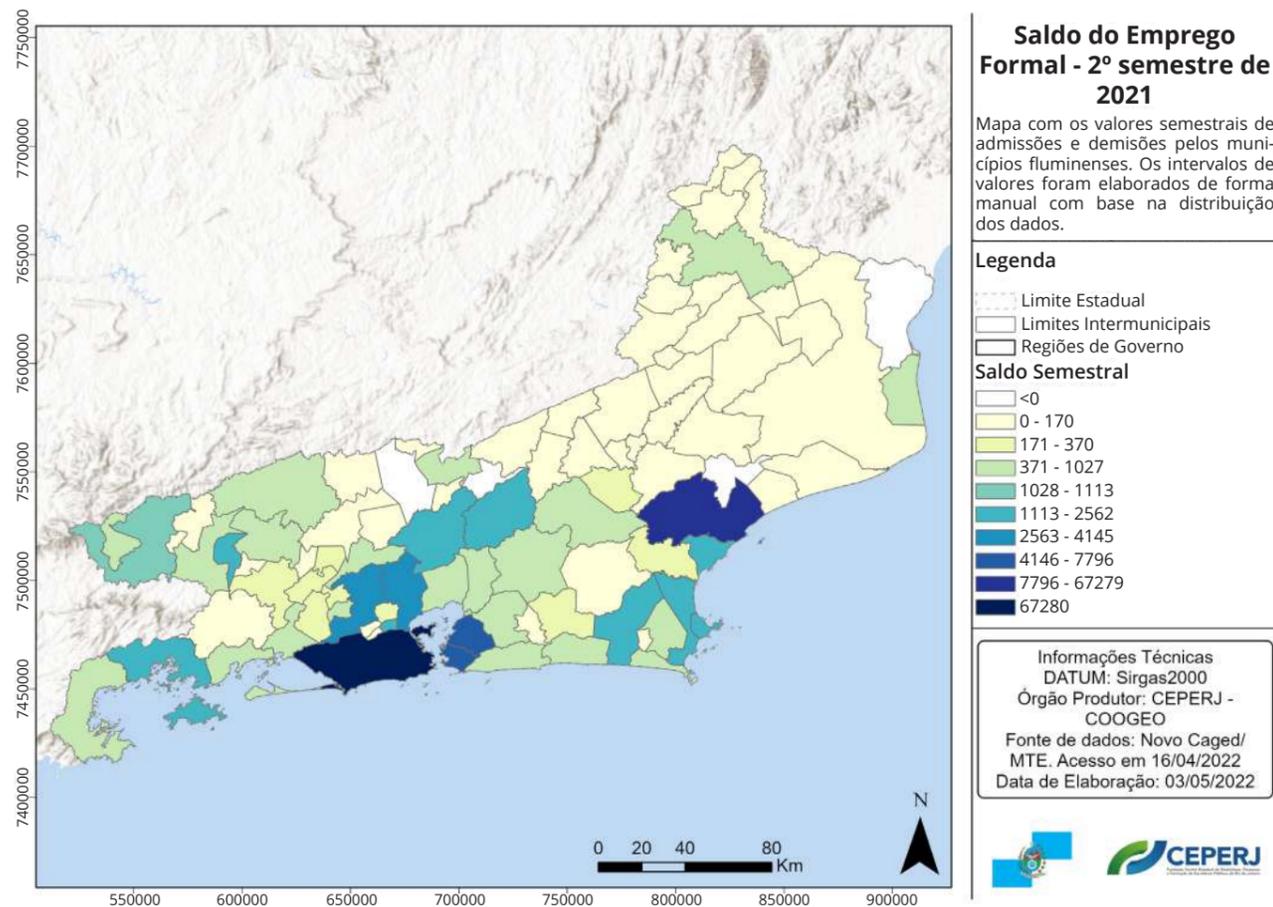
Fonte: NOVO CAGED/MTE

Cabe ressaltar que os saldos se apresentam de forma mensal se acumulando ao estoque, de forma que saldos negativos reduzem o total de emprego e os positivos acrescentam ao total, porém os saldos mensais não guardam relação com resultados futuros ou passados, apenas respondem a mudança no total no respectivo mês de referência.

Em termos de volume, o setor de comércio e de serviços foram os maiores destaques, contudo no setor de serviços, dezembro apresentou um saldo de -3.586 de empregos, enquanto o setor de comércio mesmo recuando no saldo, não houve desligamentos maiores do que as admissões.

Os setores de construção e indústria apresentaram crescimento no total de emprego de forma consistente durante o período, porém sem escapar da tendência de dezembro de haver desligamentos maiores do que admissões.

GRÁFICO 12 | SALDO DO EMPREGO FORMAL - 2º SEMESTRE DE 2021



Contudo, ao desagregar o estado em seus municípios, percebe-se que a evolução no semestre não foi totalmente positiva. Enquanto o município do Rio de Janeiro apresentou um saldo no semestre de mais de 67 mil postos de emprego adicionais, o município de São Francisco de Itabapoana apresentou uma redução de 1.310 postos e Paraíba do Sul, 134.

Referências

- BANCO MUNDIAL.** World Bank Commodities Price Data (“The Pink sheet”). Washington World Bank, 2022. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/research/commodity-markets>
- FMI - FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL.** World Economic Outlook. Washington: FMI, 2022. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO>
- FUNDAÇÃO SEADE.** Boletim de Conjuntura da Economia Paulista. São Paulo: SEADE, 2022. Disponível em: <https://portal.fazenda.sp.gov.br/acessoinformacao/Paginas/Boletim-Conjuntura-Econômica-Paulista.aspx>
- GRUPO DE CONJUNTURA DO IE/UFRJ.** Recuperação e incertezas na economia mundial. YouTube, 13 out. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8OsbXpx5OA&t=288s>
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física. Retirado do Sidra: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pim-pf-regional/tabelas>
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Pesquisa Mensal de Comércio. Retirado do Sidra: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pmc/tabelas>
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Pesquisa Mensal de Serviços. Retirado do Sidra: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pms/tabelas>
- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.** Carta de Conjuntura. Brasília: IPEA, 2022. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/>



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO